

## AAD-69: UMA REFERÊNCIA INCONTORNÁVEL

PÊCHEUX, Michel. *Análise Automática do Discurso* (1969). Trad. Eni Orlandi. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1997.

*é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, pois é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção (PÊCHEUX, AAD-69, p. 79).*

Cinquenta anos! Isso mesmo! Em 2019, comemoramos os 50 anos de uma obra fundadora: **Análise Automática do Discurso**, conhecida como **AAD-69**, do **professor-filósofo-cientista-militante Michel Pêcheux**<sup>1</sup>. Fazer a apreciação dessa obra fundadora, em uma data festiva como essa, implica retomar memórias históricas de nossas práticas científicas e políticas, mas, sobretudo, também exige pensar a atualidade e, advirto, arriscar dar novos passos em direção ao futuro, em estreita relação crítica com nosso tempo histórico.

Sem dúvida, trata-se de um livro que marcou e continua marcando significativamente cada analista de discurso filiado/a aos trabalhos de Pêcheux<sup>2</sup>. Quem não já ouviu e/ou debateu determinados conceitos em aulas, em seminários e/ou em palestras da área de Linguística, ou citou-o em sua escrita, ou, ainda, mobilizou em suas análises algum



termo de caráter conceitual e político? Termos como: efeitos de sentidos, efeito metafórico, condições de produção, processo discursivo, formações imaginárias, relações de sentidos, relações de força e antecipação. Esse aparato conceitual e experimental é encontrado no livro que ora apreciamos.

Fruto de uma tese de doutorado em Psicologia Social, a primeira edição do livro se deu na França, publicado pela editora Dunod, em 1969, na coleção *Sciences du Comportement*<sup>3</sup>. Esta obra foi traduzida para o Brasil na década de 1990, em consequência do importante trabalho pioneiro de Eni Orlandi e de sua equipe de pesquisadores<sup>4</sup>. Michel Pêcheux (1938-1983), na publicação da AAD-69, já não se apresenta mais sob o pseudônimo de Thomas Herbert, nome com o qual assinava seus primeiros textos<sup>5</sup>. Assim, pois, estamos diante do fundador da **Análise do Discurso** que apresenta um novo objeto de investigação (**discurso**), bem como outra forma de pensar a linguagem, visto que leva em consideração o sentido, a história e o sujeito, com todas as consequências teóricas, metodológicas e políticas daí advindas<sup>6</sup>.

O livro AAD-69 está dividido em duas partes, a saber: Parte I – Análise de conteúdo e Teoria do Discurso; Parte II – Descrição de um dispositivo de análise automática do processo discursivo; e termina com uma conclusão intitulada: Conclusões provisórias: perspectivas de aplicação da Análise Automática de Discurso.

Nesta resenha, farei um percurso mais geral, pontuando algumas questões mais amplas para que o/a leitor/a interessado/a possa, depois, aprofundar o estudo, pois reconheço que este trajeto é, também, um gesto de leitura e interpretação<sup>7</sup>.

Pêcheux, no início de seu livro, faz uma retomada de questões sobre a Linguística e as práticas de análise de texto, já que considera a existência de “relações de vizinhança” entre elas. Isso é significativo e nos dá pistas de sua reflexão teórica praticada no entremeio das áreas de conhecimento<sup>8</sup>.

O autor considera a tradição das práticas de estudo de texto (escolar e gramatical), mas avalia, também, a possibilidade de mudança dessa prática com o acontecimento do Curso de Linguística Geral (CLG), de Ferdinand de Saussure, que possibilitou deslocar a análise da língua: da **função** para o seu **funcionamento**. Ou seja, esse deslocamento permitiu sair da questão de como cada parte significa,

para analisar e compreender o funcionamento da língua enquanto sistema.

Com essas novas questões teóricas advindas do âmbito da Linguística Moderna com Saussure, Pêcheux desenvolve sua reflexão crítica sobre os dispositivos de análise. Trata-se de um olhar atento, sabedor de que toda ciência exige que as “ferramentas/instrumentos” e os procedimentos analíticos estejam articulados à teoria para produzir conhecimento. Segundo Pêcheux, até então, as pesquisas com textos utilizavam métodos não linguísticos e/ou paralinguísticos, mas não davam conta da produção de sentidos efetivamente.

Nesse momento, sua crítica incide, especificamente, sobre a Análise de Conteúdo, muito praticada pelas Ciências Humanas, particularmente pela Psicologia social. Além disso, sua crítica também se direcionava a uma concepção ainda reinante, de que a língua serve para a “comunicação”, pois esta noção fazia com que, diante do texto, se perguntasse “ingenuamente”: “De que fala este texto? Quais são as ideias principais do texto?”. Como se o texto fosse somente capaz de simplesmente “comunicar” algo a alguém. O importante dessa crítica é que todas essas questões levam-no a pensar sobre o funcionamento, o objeto de estudo e, sobretudo, a problematizar a noção de texto e de leitura conjuntamente.

Nessa trajetória de reflexão, Pêcheux traz “orientações conceituais para uma teoria do discurso”. Por ser um leitor atento e crítico de Saussure, Pêcheux traz à reflexão as consequências teóricas induzidas por certos conceitos saussurianos<sup>9</sup>. É a partir do conceito de língua, enquanto objeto de ciência Linguística, como parte social da linguagem e fato social exterior ao indivíduo, bem como a língua como instituição social, que Pêcheux desenvolve seus questionamentos para, em seguida, lançar sua proposta de análise automática do discurso. Ele chama esse marco teórico e político de um “deslocamento da perspectiva teórica”, ou seja, uma “mudança de terreno”.

Para Pêcheux, a “reaparição triunfal do sujeito falante como subjetividade em ato” (AAD-69, p. 71) deriva da oposição saussuriana entre língua e fala. Por isso, cita Jakobson para criticar sua concepção de sujeito, que parece ter uma “liberdade” de atuação à medida que se vai do fonema ao discurso. Chomsky também é citado para ser criticado, pois, na Teoria Gerativa, a frase era considerada criatividade

na língua, mas havia uma fragilidade na noção de “normalidade do enunciado” que implicava o efeito de evidência de sentido para o sujeito.

Ao citar esses estudiosos, Pêcheux considera que derivam desses trabalhos dificuldades para a compreensão do **discurso** e, por isso, problematiza a questão ao retomar do texto de Saussure a frase “a terra gira”, já que, segundo Pêcheux, “um linguista pré-copernicano, que, por milagre, conheça as gramáticas gerativas e os trabalhos atuais dos semanticistas, teria certamente colocado uma incompatibilidade entre as partes constitutivas da frase e declarado o enunciado anômalo” (AAD-69, p. 73).

Como bem diz Malidier (2003), o discurso em Michel Pêcheux é um verdadeiro “nó” onde se intrincam todas as suas grandes questões sobre a língua, a história e o sujeito. Penso que esta passagem sobre o questionamento do sentido da frase “a terra gira” é uma das mais brilhantes problematizações que Pêcheux desenvolve nesse livro, pois, polemizando, afirma:

Isso significa que nem sempre se pode dizer da frase que ela é normal ou anômala apenas por sua referência a *uma norma* universal inscrita na língua, mas sim que esta frase deve ser referida ao *mecanismo discursivo* específico que a tornou possível e necessária em um contexto científico dado (PÊCHEUX, AAD-69, p. 73, grifos de Pêcheux).

Ou seja, Pêcheux provoca o pensamento para questionar tanto a pretensa “universalidade” do sentido na língua como “norma” universal, como também a “singularidade” do sujeito individual na produção de sentidos. Nessa perspectiva crítica, ele propõe discorrer sobre os **mecanismos discursivos** e, por isso, afirma a necessidade de uma mudança de terreno nos trabalhos com a linguagem, ou seja, uma ruptura.

Assim, sua obra apresenta uma reflexão que faz pensar sobre o âmbito da “particularidade” da produção de sentidos, na qual se definem “contratos” linguísticos específicos que possibilitam aos sujeitos determinados dizeres. Destaca-se, também, que nesse campo da particularidade é preciso investigar o **processo de produção do discurso**, e isso exige levar em consideração as “circunstâncias” dadas

de um discurso. A esse processo de produção, Pêcheux vai nomear, mais à frente em seu texto, como **condições de produção**. De uma maneira ainda não muito explícita, apresentavam-se aí as condições de produção como domínio da história.

Antes de se debruçar sobre a categoria de condições de produção, Pêcheux fala das implicações do conceito saussuriano de “instituição”. Para Pêcheux, mesmo que Saussure considere a língua como instituição social, ignora o avanço da Sociologia, que já distinguia a “*função aparente* de uma instituição e seu *funcionamento* implícito; as normas dos comportamentos sociais não são mais transparentes a seus autores do que as normas da língua o são para o locutor” (AAD-69, p. 76).

Para Pêcheux, é preciso, sobretudo, analisar esse funcionamento não aparente a partir da perspectiva da teoria dos processos discursivos. Por isso, em outro momento de brilhantismo que levanta questões e leva o/a leitor/a à reflexão, Pêcheux dá exemplo do discurso de um deputado na Câmara, para dizer: “um discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas” (AAD-69, p. 77).

Com esse exemplo do deputado na Câmara, Pêcheux, em seu gesto teórico-analítico, explora as **relações de forças** existentes entre os elementos antagonistas, as **relações de sentidos** que remetem um discurso a outro, e a **antecipação** que o “orador” experimenta ao se colocar no lugar do “ouvinte” na produção do discurso. Ou seja, estamos diante de uma aula que expõe como o funcionamento do discurso é complexo.

Mas Pêcheux nos alerta que não se trata de fazer uma sociologia das condições de produção do discurso; trata-se de definir os elementos teóricos que permitem pensar os processos discursivos em seu funcionamento:

[...] mas com a condição de acrescentar imediatamente que este *funcionamento não é integralmente linguístico, no sentido atual desse termo*, e que não podemos defini-lo senão em referência ao mecanismo de *colocação* dos protagonistas e do objeto de discurso, mecanismo que chamaremos “condições de produção” do discurso (PÊCHEUX, AAD-69, p. 78, grifos de Pêcheux).

Quanto às **condições de produção do discurso**, é preciso dizer que Pêcheux, na sua sabedoria, por um lado, distancia as condições de produção de uma perspectiva “reacional” que deriva de uma leitura psicofisiológica e psicológica do comportamento que anula o produtor e o destinatário, pois se reduz à relação estímulo-resposta. Mas, por outro lado, afasta a perspectiva “informacional” de cunho sociológico e psicossociológico da comunicação, que apesar de pôr em cena os protagonistas do discurso e o seu referente, fundamenta-se na teoria da transmissão de informação-comunicação-mensagem.

Nessa reflexão, Pêcheux define o **discurso** como **efeito de sentidos** entre os pontos A e B para dizer que não se trata de produção de mensagem, muito menos de informação<sup>10</sup>. Ao tratar de lugares de A e de B (podemos dizer, lugares de sujeitos), Pêcheux esclarece que não se está falando da “presença física de organismos humanos individuais”, pois “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma **formação social**”. E dá exemplos: lugares do patrão, diretor, chefe da empresa etc.; e do funcionário da repartição, do contramestre, do operário<sup>11</sup>.

Não poderíamos aqui deixar de dar espaço à própria escrita de Pêcheux:

Nossa hipótese é a de que esses lugares estão *representados* nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o *lugar como feixe de traços objetivos* funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, *presente, mas transformado*; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a *si* e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, AAD-69, p. 82, grifos de Pêcheux).

Ao trazer essas questões, Pêcheux está falando de **posições e formações imaginárias** projetadas no discurso (lugares presentes, mas transformados) e, assim, apresenta o famoso “quadro”<sup>12</sup> que permite visualizar os **sujeitos** “protagonistas do discurso” na produção de sentidos: imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A (“Quem sou eu para lhe falar assim?”); imagem do lugar de B para o

sujeito colocado em A (“Quem é ele para que lhe fale assim?”); imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B (“Quem sou eu para que ele me fale assim?”); imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B (“Quem é ele para que me fale assim?”). Além disso, também apresenta a questão do referente do discurso a partir dos pontos de vistas de A e B sobre R: “De que lhe falo assim?” – “De que ele me fala assim?”. Portanto, o quadro esboça as condições de produção do discurso, tratando do contexto e situação, além do referente do discurso, a partir das perspectivas dos sujeitos protagonistas em determinadas condições de produção.

Pêcheux, ao montar esse quadro, utiliza vetores para a simbolização das representações imaginárias das diferentes instâncias do **processo discursivo**, e torna ainda mais complexa a análise do processo de produção do discurso ao retomar as questões das relações de sentido que se estabelecem nas relações do dizer com discursos anteriores (já-ouvido, já-dito em outras condições de produção) e as relações de forças (elementos de dominância). O autor aborda a questão dos processos discursivos sedimentados em determinadas condições de produção e também de sua transformação enquanto processo estabelecido em condições de produção dadas.

A essa altura do texto, o/a leitor/a já compreende que o discurso não tem origem no sujeito, mas é preciso entender também outra questão: o processo de produção discursiva. Nesse momento, o livro faz a exposição do movimento de sentido, direcionando o olhar analítico para as **séries de superfícies discursivas**. Dessa análise, Pêcheux lança a noção de **efeito metafórico**. Por isso, alerta o/a leitor/a que, levando em consideração dois termos, X e Y, por exemplo, podemos compreender que X e Y são movidos pelas seguintes regras: “nunca são substituídos um pelo outro”; “são substituíveis um pelo outro, às vezes”; “são substituíveis um pelo outro”.

O que Pêcheux apresenta é uma reflexão sobre as possibilidades de mudanças nas interpretações quando da substituição de um termo por outro. Nessa direção, enfatiza que o movimento de substituição no discurso só se dá num contexto dado. Em sua análise, apresenta interessantes exemplos, tais como: “brilhante-notável”, nos enunciados: “este matemático é (x/y)”/“a luz *brilhante* do farol o cegou”. Com isso, mostra como é possível e, às vezes não é possível,

fazer tais substituições. Trata-se do que Pêcheux vai chamar mais à frente de sinonímia contextual e de sinonímia não contextual. Então, define o Efeito metafórico:

Chamaremos *efeito metafórico* o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais” (PÊCHEUX, AAD-69, p. 96, grifos de Pêcheux).

Pêcheux apresenta outro esquema que representa a série de efeitos metafóricos que mantém uma ancoragem semântica, fazendo com que um discurso seja equivalente a outro, ou seja, mesmo não tendo na superfície discursiva, aparentemente, termos que os relacionem, os discursos estão ligados a uma série de efeitos metafóricos. Isso significa que os discursos também estão ligados entre si por movimentos de substituições, deslocamentos e deslizamentos de sentido. Neste momento, Pêcheux trabalha na “superfície discursiva” para chegar à estrutura do processo de produção em seu contexto e às implicações do efeito de dominância numa sequência discursiva, mas observa que é importante não perder de vista as determinações dos processos discursivos pelas suas condições de produção.

A segunda parte do livro AAD-69, intitulada: “Descrição de um dispositivo de análise automática do processo discursivo”, é, talvez, a parte mais complexa do livro, por conta de operações abstratas e descrições formais, e apresenta gráficos dos processos discursivos. Pêcheux faz um “esboço” em forma de esquemas desses processos em funcionamento. Nessa parte, ele “codifica”, traz gestos formais em diferentes níveis de análise, visando à automatização da análise discursiva. Palavras como “forma, registro, concatenações, expansões, saturações” são constantemente convocadas nessas páginas.

Do mesmo modo, há uma referência à Linguística que se dá através de termos como enunciado, enunciação, *lexis*, sintagma nominal, sintagma verbal, tempo, modo, ênfase. Outras categorias morfossintáticas deslizam textualmente nessa parte do livro e aparecem como requisitos indispensáveis à análise e à automatização desse processo. Entretanto, ressalta Pêcheux que “propusemos um

*procedimento* e não uma *teoria da língua*, entendendo-se que esse procedimento repousa sobre pressupostos teóricos que exigem precisamente ser explicitados e criticados pelo linguista” (AAD-69, p. 122).

Esta parte do livro, além de parecer mais complexa, por ser mais esquemática, pode assustar o/a leitor/a não familiarizado com os algoritmos, pois aparecem muitas notações, por exemplo:  $\pi$ ,  $\psi$ ,  $\epsilon$ ,  $\leq$ ,  $\neq$ ,  $\emptyset$ ,  $+$ ,  $>$ ,  $*$ ,  $\Delta$ , que Pêcheux utiliza, segundo ele, para “simplificar a escrita” no cálculo da série/cadeia dos operadores e dos domínios semânticos no sistema automático. De certo modo, o efeito dessa escrita “formal” é bastante paradoxal para o/a analista de discurso, pois requer do/a leitor/a outros conhecimentos e, certamente, maior concentração para acompanhar o entendimento dessa parte da obra.

Como afirma Maldidier (2003, p. 25), “A AAD-69 era uma máquina de abrir questões mais do que dar respostas”. E é pensando nisso que direciono agora o olhar para o modo como Pêcheux finaliza seu livro, com conclusões que ele denomina “provisórias”, pois ele frisa a incompletude do projeto da AAD-69. Assim, o próprio Pêcheux aponta que há limites nessa obra, porquanto afirma que o que foi apresentado é apenas o esboço de um programa de análise.

Dificuldades são muitas; apelos aos linguistas, matemáticos e sociólogos aparecem no final do texto. Mas há outro ponto que quero destacar: Michel Pêcheux retoma a questão da leitura ou, melhor dizendo, das condições da prática da leitura e dos princípios desta leitura. Assim, deixa traços de suas problematizações futuras: o exterior do discurso, suas “ausências”, os não-ditos e a relação com os ditos em outros lugares.

Já me encaminhando para a finalização dessa apreciação, é necessário dizer que o livro AAD-69, embora datado, é uma obra que continua aberta e não se esgota em si mesma. Permanece sendo um livro importante para todo/a pesquisador/a que se aventura na perspectiva teórica, analítica e política do discurso. Sem dúvida, AAD-69 traz os alicerces da Análise de Discurso que praticamos na atualidade, e continua a nos exigir que nos lancemos à frente de nosso tempo. Fazer uma resenha dessa obra que comemora 50 anos não é apenas fazer uma apreciação, ou mesmo uma homenagem a Michel Pêcheux em uma data festiva; a meu ver, é também uma forma de divulgar conhecimento e viabilizar o acesso a ele.

Nos tempos difíceis que vivenciamos na atualidade (ataques de toda ordem contra os sujeitos da classe trabalhadora, contra o meio ambiente em sua dimensão planetária, contra a educação em seu caráter humanizador e contra a ciência em suas descobertas e práticas políticas), fazer retomadas dessa obra fundadora permite, também, pensar criticamente o nosso presente e levantar questões sobre o nosso futuro. Nessa conjuntura histórica, é preciso perguntar: o que nos cabe enquanto analistas de discursos?

No momento, não tenho clareza da resposta à pergunta acima, mas posso tomar algo como pressuposto: a ciência é uma necessidade sócio-histórica e sua dimensão política cumpre função no movimento de reprodução/transformação das condições materiais e ideológicas de produção. Desse modo, essa obra é uma referência que tem importância crucial e incontornável para a compreensão tanto do discurso e seus efeitos de sentidos, como para o entendimento da nossa práxis social enquanto sujeitos históricos.

Concluo este escrito renovado pelos sentidos outros que a releitura me proporcionou e desejoso de que o/a leitor/a desta resenha seja bastante curioso/a para buscar, a partir do estudo dos textos desse professor-filósofo-cientista-militante, pensar e repensar a realidade social em sua contraditoriedade, refletir sobre a produção do discurso no cotidiano e nos espaços da política, analisar as condições de produção, compreender os efeitos metafóricos de deslizamentos que desaguam nos mesmos e em outros efeitos de sentidos.

Analisando esses 50 anos, compreendo que AAD-69 continua a ultrapassar os limites da época histórica em que foi produzido, pois atravessou continentes, rompeu fronteiras, afetou sujeitos, transformou práticas científicas e políticas de linguagem, incomodou e produziu deslocamentos.

Desse modo, nós, analistas de discursos, reconhecemo-nos com sensibilidade nesse livro fundador e, sobretudo, também nos reconhecemos no rigor teórico e no gesto político de toda obra de Michel Pêcheux. Por isso, esse livro continua a produzir importantes efeitos. Posso afirmar que a leitura de AAD-69 nos traz a alegria de pertencer e nos reconhecer nessa história e, sobretudo, nos traz coragem e fôlego para nos confrontarmos com nossa conjuntura histórica conturbada.

Além disso, posso dizer que, levando em consideração nossas atuais condições de produção, fica o desafio de, analisando discursos, poder projetar o nosso futuro com a esperança de outro mundo possível. Por fim, quero enfatizar nossa postura ética e de responsabilidade política retomando Pêcheux nas conclusões de seu belo livro, AAD-69, quando nos alerta: “Lembremos que um imenso trabalho fica por se efetuar...”. Acrescento: que isso nos encoraje a continuar a compreender a realidade social e histórica em suas condições de produção, a analisar a produção de sentidos em seu caráter ideológico e político, bem como a apreender de modo radicalmente crítico as práticas dos sujeitos a partir dos processos discursivos. Continuemos o trabalho!

*Helson Flávio da Silva Sobrinho*  
*Universidade Federal de Alagoas – UFAL*  
*Pesquisador do CNPq*

### **Referências bibliográficas**

- ADORNO, Guilherme *et al.* (2019). *Encontros na análise de discursos: efeitos de sentidos entre continentes*. Campinas-SP: Editora da Unicamp.
- GADET, Françoise *et al.* (1997). Apresentação da conjuntura em Linguística, em Psicanálise e em informática aplicada ao estudo dos textos na França, em 1969. In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.
- HENRY, Paul. (1997). Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux (1969). In: GADET, Françoise & HAK, Tony. (Orgs.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3ª edição. Campinas-SP: Ed. da Unicamp.
- MAINGUENEAU, Dominique. (2008). Michel Pêcheux: três figuras. In: BARONA, Roberto & KOMESU, Fabiana (Orgs.). *Homenagem a Michel Pêcheux: 25 anos de presença na análise do discurso*. Campinas-SP: Mercado de Letras.
- MALDIDIER, Denise. (2003). *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux Hoje*. Campinas: Pontes.

ORLANDI, Eni. (2005). A Análise de Discurso em suas diferentes tradições intelectuais: o Brasil. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, M.<sup>a</sup> Cristina (Org.). *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos: Claraluz.

ORLANDI, Eni. (1999). *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. São Paulo: Pontes.

SILVA SOBRINHO, Helson. (2018). “Os (des)arranjos das lutas entre posições idealistas e materialistas na Análise do Discurso”. In: BALDINI, Lauro & BARBOSA FILHO, Fábio. *Análise de discurso e materialismos: prática política e materialidades*. Vol. 2. Campinas: Pontes.

## Notas

---

<sup>1</sup> “Passamos a denominar Michel Pêcheux como professor-filósofo-cientista-militante a partir de uma palestra, quando me referi a Pêcheux como um filósofo. O auditório, contrapondo-se a isso, disse que ele não era um filósofo, porque não era como Platão, Kant e Hegel. Interessante essa fala do auditório, pois tomava como exemplos ‘legítimos’ os filósofos idealistas. Repliquei, em seguida, alargando a denominação, na tentativa de explicitar a riqueza e a fecundidade dos trabalhos de Pêcheux, considerando, sobretudo, sua inserção na política, sua reflexão filosófica, seu fazer ciência e sua capacidade de reunir estudiosos diversos em torno de determinadas inquietações sobre o discurso, o sujeito e a História” (SILVA SOBRINHO, 2018, p. 59).

<sup>2</sup> Segundo Maingueneau (2008, p. 79): “O nome de Michel Pêcheux permite, na atualidade, que certo número de pesquisadores situe-se em nível teórico no campo da análise do discurso”, mas “Não é fácil definir o projeto intelectual de Pêcheux”, pois seu pensamento emergiu de diversos espaços: “psicologia social, marxismo, ciências da linguagem, epistemologia das ciências humanas, semântica, filosofia da linguagem, análise automática do texto... [...]. O pensamento de Pêcheux é daqueles que não se deixam circunscrever em um território”.

<sup>3</sup> Segundo Malidier (2003, p. 19), “*Análise Automática do Discurso* é um livro original que chocou lançando, à sua maneira, questões fundamentais sobre os textos, a leitura, o sentido [...]. A elaboração da *Análise Automática do Discurso* é o objeto de uma tese universitária defendida em 1968”.

<sup>4</sup> A tradução se encontra no livro organizado por Françoise Gadet e Tony Hak, na coletânea intitulada “Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux”. Sobre o encontro de Eni Orlandi com essa importante obra, sugerimos a entrevista dada por Eni Orlandi ao Coletivo Contradit (Coletivo de trabalho: discurso e transformação), publicada no livro “Encontros na Análise de Discurso: efeitos de sentidos entre continentes”.

<sup>5</sup> Cf. Henry (1997): “Os fundamentos teóricos da ‘Análise Automática do Discurso’ de Michel Pêcheux”.

<sup>6</sup> É importante que o/a leitor/a compreenda um pouco da conjuntura histórica da ADD-69 na França, especialmente questões em torno de Saussure e do Estruturalismo; a recepção de Chomsky e a Gramática Gerativa; o trabalho de Harris, *Discourse analysis*; os trabalhos de Jakobson e o esquema de comunicação; Benveniste e questão da enunciação; Culioli e os estudos de tradução automática. Cf. (GADET et al., 1997).

<sup>7</sup> Sugerimos ao leitor/a interessado/a na obra que seja feita uma leitura cuidadosa do livro AAD-69 sem desprezar as notas de rodapé que seguem nas páginas finais do livro. São notas do próprio Michel Pêcheux, mas também 29 notas bastante esclarecedoras de Françoise Gadet, Jacqueline Léon, Denise Maldidier e Michel Plon.

<sup>8</sup> Sobre a nomeação disciplina de “entremeio”, ver ORLANDI (2005, p. 76): “A reflexão discursiva, enquanto disciplina de ‘entremeio’, remete a espaços habitados simultaneamente, estabelecidos por relações contraditórias entre teorias”.

<sup>9</sup> Michel Pêcheux “revela, desde 1969, uma grande familiaridade com o texto de Saussure: uma leitura informada, inteligente e pessoal, que faz realmente operar as noções saussurianas” (GADET et al., 1997, p. 41).

<sup>10</sup> Eni Orlandi esclarece que “A noção de discurso, em sua definição, distancia-se do modo como o esquema elementar da comunicação dispõe seus elementos, definindo o que é mensagem [...]. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos, e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores” (1999, p. 21).

<sup>11</sup> Ao mencionar que “A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social”, podemos identificar pistas do materialismo histórico produzindo efeitos na reflexão desenvolvida por Pêcheux. Formação social é um dos conceitos fundamentais para compreender o funcionamento de uma determinada sociedade.

<sup>12</sup> Por questão de espaço não reproduziremos neste texto o quadro já bastante conhecido entre os estudiosos do discurso. No entanto, vale ressaltar que o quadro deve ser sempre revisitado para que possamos trazer novas questões.